REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	-$-	-$-
Extrangeiro (união geral dos correios).	5$000	2$500	-$-	-$-

8.º ANNO — VOLUME VIII — N.º 240

21 DE AGOSTO 1885

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇAO

LISBOA. L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA TRAVESSA DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos a Francisco Antonio das Mercês, administador da empreza.

GUERRA JUNQUEIRO (Segundo uma photographia de Leopoldo Cirne & C.ª)

CHRONICA OCCIDENTAL

Deve apparecer por estes dias á venda o novo livro de Guerra Junqueiro — *A velhice do Padre Eterno*.

Coisa pouco vulgar entre nós, esse novo livro é esperado com verdadeira anciedade; mesmo antes de se publicar é já um acontecimento, fala-se n'elle, procura-se nas lojas onde ainda não ha nenhum, doce compensação de tantos que ha por lá e que ninguem procura.

E que, deixemo-nos de historias, o talento, o talento verdadeiro, é uma grande coisa, e impõe-se ainda, e impôr-se-ha sempre ás multidões, por mais indifferentes que no fim de contas ellas possam parecer ao movimento artistico e litterario do seu tempo.

As lamurias que para ahi se fazem quotidianamente ácerca da falta de gosto do nosso publico, da pobreza do nosso mercado, da frieza com que se acolhem as obras do espirito, são por assim dizer um lenitivo, uma consolação para os mediocres, são o desabafo dos insignificantes.

Os bons livros, as grandes producções que trazem a chancella do talento, fazem o seu caminho entre nós, como em toda a parte, e dão a gloria aos seus auctores.

Ha porém uma coisa que ellas lhes não dão, isso é verdade, é a riqueza.

Mas o motivo é muito differente; em Portugal um homem de lettras, por mais talento que tenha e por mais glorioso que seja, vive e morre pobre. Camillo Castello Branco em França seria dez vezes millionario e teria dado fortunas colossaes aos seus editores; Pinheiro Chagas só com a sua *Morgadinha de Valflor* teria uma das primeiras riquezas do paiz; o *Crime do padre Amaro* e o *Primo Bazilio* teriam transformado Eça de Queiroz n'um barão de Quintella, e Guerra Junqueiro com a sua *Morte de D. João* seria hoje o Cresus de Vianna do Castello.

Porque não é isto assim?

Será porque Portugal e o Brazil não leiam esses escriptores sublimes, será porque os primores dos seus talentos uberrimos passem desapercebidos de toda essa gente que em Portugal, n'Africa, e no Brazil fala e lê a lingua portugueza?

Decerto que não: é principalmente, é unicamente, póde dizer-se, porque nem no Brazil nem em Portugal se comprehendeu ainda nitidamente que o trabalho litterario é um trabalho como qualquer outro, superior a qualquer outro, e que como qualquer outro tem direito sagrado a uma remuneração condigna.

Toda a gente lê livros, pouca gente os compra. Ninguem reparou ainda a serio que um livro era um producto como qualquer outro, e d'ahi uma originalissima maneira de tratar esse commercio.

Toda a gente admira muito o talento do escriptor, toda a gente o considera immenso, o que ninguem pensa é em pagar-lhe, ou ao menos em que elle tenha direito a paga.

Pessoas honestissimas, independentissimas, que nunca desceram a pedir emprestado a um amigo um lenço d'assoar ou um saccarolhas, pedem sem a mais ligeira cerimonia emprestado a um extranho que mal conhecem, as *Pupillas do sr. Reitor*, o *Eusebio Macario*, ou o *Mandarim*.

E isto como a coisa mais natural do mundo; e este completo esquecimento de que o trabalho litterario é um trabalho que tem como todo o trabalho direito a uma remuneração, está tão enraizado nos nossos costumes, que até mesmo os proprios homens de lettras, quando por acaso se acham á testa de qualquer empreza litteraria como administradores, vão na corrente.

Aqui ha poucos annos um grupo de escriptores organisou uma sociedade para fazer uma publicação litteraria.

Tratou-se de formular o orçamento da despeza d'essa publicação: e os homens de lettras encarregados de fazer esse orçamento fizeram-n'o o mais minucioso e completo possivel.

Casa........................	tanto.
Mobilia....................	»
Papel.......................	»
Typographia.............	»
Revisão....................	»
Administração..........	»
Distribuição.............	»

Calcularam uma a uma todas as despezas do jornal, e apezar de serem todos homens de lettras só se esqueceram no orçamento d'uma verba — a da redacção.

Isto palavra d'honra que não é inventado: é perfeitamente authentico, é uma nota curiosa que prova exhuberantemente como em Portugal se liga importancia ao trabalho litterario.

Nunca passaria pela cabeça de ninguem fazer um jornal sem pagar aos typographos, sem pagar o papel, sem ter uma administração bem remunerada: agora o que raras vezes passa pela cabeça d'um portuguez é pagar aos redactores.

E nos theatros dá-se exactamente a mesma coisa. — Pegue-se na folha de qualquer casa d'espectaculos e veja-se: — a verba de direitos d'auctor é sempre a mais insignificante.

E quando por um acaso excepcional, por circumstancias especiaes, uma empreza se vê forçada a pagar uns direitos um pouco mais subidos, a empreza protesta logo, recorre a mil expedientes para não pagar esses direitos, sendo um dos mais usuaes retirar de scena a peça.

Nós já falámos largamente ácerca d'este assumpto, aqui mesmo n'estas chronicas, ha annos, quando tratamos do modo originalissimo como a maioria das associações e clubs de Portugal organisavam as suas bibliothecas — pedindo de graça livros aos auctores e aos editores.

Esta maneira de encarar o trabalho litterario espalhada por todo o paiz é a principal razão da insignificante remuneração que esse trabalho dá.

Junte-se a isto o modo porque o Brazil nos trata em questões litterarias.

Os livros portuguezes, cujas edições se esgotariam n'um momento em terras brazileiras, são logo apanhados, e á sombra da falta d'um tratado de propriedade litteraria qualquer sugeito no Brazil tem o direito de agarrar n'esses livros, de fazer d'elles quantas edições lhe aprouver sem ao menos dizer muito obrigado ao seu auctor.

Emquanto a obras dramaticas é a mesma coisa.

O serviço do roubo de peças portuguezas está montado a valer, e aqui póde-se empregar a palavra *roubo* sem o mais ligeiro escrupulo, porque é positivamente um *roubo* que não tem nada que ver com tratados.

A falta de tratado o que auctorisa é a representação de peças impressas sem ter que pagar direitos ao seu auctor. Se houvesse tratado quantas dezenas de contos de réis não teria recebido do Brazil Pinheiro Chagas, cuja *Morgadinha* se representa quotidianamenre em sete e oito theatros do Rio e provincias, ha cerca de vinte annos!

Agora o que nada ha que auctorise é o que se faz com os manuscriptos, o que se fez com o *Saltimbanco* de Antonio Ennes, o que se faz todos os dias com quasi todas as peças originaes e traduzidas que se representam em Lisboa.

Como que por arte magica uma peça que tem certo *successo* aqui apparece logo no Brazil: lá tiram-lhe o nome do auctor ou do traductor, põe-n'a em scena, e recebem os direitos muito rasoaveis, que alli se pagam no theatro.

E n'essas negociatas seja dito em honra do Brazil como tambem nas negociatas das edições contrafeitas d'obras portuguezas, quem ordinariamente anda mettido não são brazileiros, são patricios nossos, muitas vezes nossos amigos, cavalheiros d'industria a quem nós aqui temos enchido d'amabilidades e de favores.

As vezes dá-se uma coisa engraçada; n'essas transacções larapias de peças ha sempre pelo menos dois gatunos: um que palma a peça em Lisboa e outro que a põe em scena no Brazil.

O gatuno de lá ganha sempre muito mais no negocio porque ao passo que paga ao seu cumplice uma ou duas libras por cada peça, recebe oitenta e cem ou mais libras por ella.

Apesar d'isso, apesar d'esse ganho importante o gatuno de lá, ás vezes quer ganhar mais ainda, ganhar as duas libras do socio de Lisboa, e não lhe paga as copias que elle lhe manda.

Ha pouco tempo um amigo nosso que esteve no Rio de Janeiro, e que andou lá muito mettido em negocios de theatro surprehendeu uma carta em que o socio de cá dizia furioso ao socio de lá:

«Tenho cá mais seis peças magnificas, já copiadas e promptas para lhe mandar, mas não saem d'aqui emquanto eu não receber o dinheiro relativo á ultima remessa que lhe fiz.»

Já vêem que esta ladroeira está montada commercialmente, que os correspondentes gatunos de cá fazem remessas regulares dos seus roubos, e que nós todos deixamo-nos roubar com uma indifferença de *Lazzaroni* sem ao menos gritar ó da guarda, contra o gatuno de cá, que temos á mão de semear e que é facil de descobrir.

Parece-nos que uma empreza util a montar, util e rendosa, seria estabelecer no Brazil agencias de peças, que negociassem com os theatros de lá, que pagasse sempre e largamente direitos d'auctor — direitos que raras vezes, e só por intermedio d'um homem que começou a tratar d'esse negocio, o sr. Celestino da Silva — alguns auctores portuguezes tem recebido — que cobrassem esses direitos tirando bem entendido uma commissão qualquer, que se convencionasse, e que perseguissem perante os tribunaes, sem treguas, os gatunos de manuscriptos alheios, tratando essas questões completamente fóra do campo de propriedade litteraria, e mettendo na cadeia o cavalheiro d'industria que rouba o manuscripto d'uma peça, do mesmo modo que o ratoneiro que rouba uma bolsa ou um relogio.

Jayme Seguier, o brilhante escriptor que está exercendo em Bordeaux o logar de nosso consul, pensou n'isso algumas vezes, antes de se dedicar á carreira consular e muitas vezes conversámos largamente a esse respeito.

Uma agencia theatral no Brazil seria um bello negocio para quem o intentasse, e um grande serviço prestado aos auctores dramaticos portuguezes.

Agora concluindo: — todo este mechanismo dos negocios litterarios e theatraes no Brazil, e em Portugal mostra, parece-nos, evidentemente a causa porque os nossos homens de lettras e os nossos auctores dramaticos vivem pobres, é porque a obra mais afamada, aquella que mais popularidade tem e mais gloria dá ao seu auctor não lhe dá senão uns pouquissimos cobres.

E bom que se conheçam as causas para que se trate de lhes applicar o remedio: e temos esperança que este estado de coisas mude.

Muito tem elle já mudado entre nós. O trabalho litterario hoje ainda que mal e pouco retribuido, não se pode comparar com o que era, sem irmos mais longe, aqui ha trinta annos.

Hoje a profissão de escriptor publico em Portugal não é uma profissão para enriquecer, mas póde ser já uma profissão para viver. D'antes era para morrer de fome.

O direito sagrado da remuneração do trabalho tem feito já o seu caminho, devagar sim, mas tem feito e é já uma grande coisa. Depende d'um impulso collectivo de todos que trabalham que esse caminho seja mais rapido.

A difficuldade porém está n'esse adjectivo tão difficil de conseguir em todas as terras e... em todas as profissões.

Gervasio Lobato.

GUERRA JUNQUEIRO

Quando ha onze annos um bacharel formado em direito, sahindo da Universidade com as suas cartas em ordem debaixo do braço — em vez de ir á Arcada pedir um emprego, appareceu na imprensa a trovejar como um propheta em versos incandescentes contra as injustiças e as miserias sociaes, contra a fome e contra a prostituição, contra o dom juanismo torpe e contra o tartufismo viscoso — correu pelo paiz inteiro um calafrio de terror, como se vissem, n'esse ex-discipulo do grave e ordeiro dr. Paes, o anti-christo cruel do doce lamechismo poetico, da assucarada beatice, do pudico respeito pelas conveniencias e do acatamento tradiccional do vernaculo.

O seu livro effectivamente cahia sobre as nossas convenções sociaes e litterarias como a gargalhada estridente e caustica d'um demonio — d'um espirito de negação e revolta. Raras vezes a frecha hervada da ironia tinha sido despedida do arco da satyra, com tanta vibração, com tamanha força nervosa! Raras vezes o desdem altivo ou a colera indignada haviam feito tumultuar assim as estrophes d'um poema, como as ondas encapelladas d'um grande mar, batido pela tempestade! Raras vezes a imaginação artistica fôra tão fecunda, o espirito tão mordente, o lyrismo tão refinado, o sarcasmo tão crú, a forma tão brilhante e tão viva, o verso tão sonoro e tão agil!

Por isso, emquanto os destroços da velha escola de Castilho, restos de ex-celebres muito academicos e conselheiros, voltavam a cara chocados com o arrojo dos tropos, com o desplante da phrase que ora se perdia no azul d'um idealismo transcendente, soando como o murmurio argentino da voz d'um anjo, ora rastejava na realidade brutal, como uma praga plebeia — emquanto esses vates d'uma reputação official córavam de vergonha perante o impudor d'essa musa demolidora das convenções; a gente nova n'um arrebatamento de enthusiasmo applaudia, victoriava o moço poeta, radiante e glorioso no seu impeto sublime, como esses jovens generaes da primeira republica franceza. Tinha vinte e tres annos e era um mestre.

Tal foi o triumpho de Guerra Junqueiro: tal foi

o successo que a *Morte de D. João* alcançou na nossa litteratura contemporanea.

Via-se que a renovação poetica suscitada pela *questão coimbrã* ia dando os seus fructos. E a obra que João de Deus fomentára, abrindo ao lyrismo um novo horisonte livre, e que depois Anthero de Quental e Theophilo Braga haviam completado ampliando o campo da poesia, e tornando-o sufficientemente vasto para n'elle se agitarem as inspirações do pensamento, continuava-se agora na *Morte de D. João* com um caracter differente, mas com um mesmo espirito de revolta e liberdade.

Na *Nota* que acompanhava o poema, Guerra Junqueiro delineava o plano da sua obra poetica. Para elle o Mal, o eterno principio, o eterno factor da philosophia dualista persa, manifesta-se na sociedade moderna em erros que se podem reduzir a duas especies differentes: os desvarios do animalismo desenfreado, do naturalismo irreprimido — isto é, os erros physicos, e as aberrações da intelligencia e da vontade — isto é, os erros moraes. O typo litterario de D. João é o symbolo, a encarnação dos primeiros. A representação synthetica dos segundos é o vulto mythico de Jehovah, de que o catholicismo fez o seu Padre Eterno. Para o poeta, D. João e Jehovah são pois, por assim dizer, uma dupla hypostase de Arhiman.

> E a causa d'isto tudo é o velho Padre Eterno
> E o velho D. João:
> Um fez o lupanar, o outro fez o inferno;
> Um fez a tyrannia, o outro a devassidão.

Dando um pensamento moral á poesia, Junqueiro propunha-se a fazer a satyra d'esses dois symbolos, a ser o iconoclasta d'esses dois idolos sinistros e maleficos. Vimos como D. João foi marcado pelo *latego d'estrellas* da sua colera, da sua indignação, terrivel como a de um deus irado e justiceiro. Vimos o amplo quadro das Babylonias modernas, traçado apocalypticamente em cantos tão palpitantes e tão crús como os de Juvenal. Vimos o heroe mordido na alma pela serpe da duvida, triste e meditativo como Hamlet, declamar os seus monologos scepticos, repassados de amargura e de um desprezo soberano pela humanidade mesquinha. Vimos, por fim, como elle expira no lodo das ultimas abjecções, miseravel e pustulento, cynico e sarcastico, lançando da bocca, com o ultimo suspiro, uma blasphemia desdenhosa e ironica. Assim acabou fulminado por um raio de satyra, o idolo do amor livre...

A execução do outro idolo começa agora, com o primeiro volume da *Velhice do Padre Eterno*. A fecundidade do talento de Junqueiro desdobrou a primitiva *Morte de Jehovah* em duas grandes obras: a *Velhice do Padre Eterno* e a *Morte do Padre Eterno* — o livro satyrico e o livro epico, nos quaes o poeta canta a comedia do fetichismo christão, e o fim do catholicismo decadente.

Da segunda parte d'essa obra notavel, d'essa trilogia sublime a que o *Prometheu Libertado* porá um fecho affirmativo, temos já o primeiro volume da *Velhice do Padre Eterno*. O livro desejado aparece por fim, e em breve erguer-se-hão em volta d'elle os applausos freneticos e os protestos violentos, os louros do triumpho e a lama dos apupos.

Antes, porém, de analysar a obra, deixem-me dizer duas palavras sobre o poeta.

*
* *

As faculdades poeticas de Guerra Junqueiro são complexas. Na sua lyra ha todas as notas, como na lyra dos verdadeiros poetas. O caracter, o tom particular esse diverge, como diverge nos cantores a qualidade da voz. Assim o talento de Junqueiro percorre toda a gamma da poesia desde a nota mais aguda do amor á nota mais grave da indignação. A sua palavra tem uma rara malleabilidade sonora, pela qual elle consegue fazel-a murmurar como uma aragem, ou ulular como um cyclone.

Mas — seguindo uma regra geral — n'essa escala ha uma nota distincta, particular, caracteristica, que o poeta emitte com mais vibração e com mais poder. É a sua nota propria e pessoal, aquella que o seu temperamento e a feição do seu genio ferem com mais espontaneidade. Essa nota é a satyrica.

Se Guerra Junqueiro é grande na poesia lyrica — na satyra então é culminante, é genial. Se querem pôr o offerecimento da *Musa em ferias* e os versos *Aos simples* ao pé das composições lyricas de primeira plana, hão de collocar as *Ruinas*, *Os ultimos momentos*, a *Semana Santa e a Circular* acima de tudo quanto o genio satyrico tem produzido modernamente.

Se a critica pode achar vestigios de uma escola na parte da sua obra em que dominam a nota dramatica ou a lyrica, se a cadencia do offerecimento da *Musa em ferias*, já citada, pode fazer lembrar Musset, e se a introducção á *Morte de D. João* recorda Victor Hugo — nos seus versos onde a ironia impera e onde o sarcasmo casquina mordazmente, não é possivel descobrir uma linha de filiação qualquer: ahi a originalidade e a personalidade são absolutas.

É que a satyra de Junqueiro tem um caracter proprio, uma physionomia especial, que lhe dão destaque e um relevo emminentes.

A sua ironia, a sua mordacidade são subtis e por assim dizer nervosas. A sua penna é mais um florete agudo e agil do que uma massa grossa e pesada. Não é o Satan de Milton brandindo a sua lança feita d'um grande pinheiro d'uma floresta da Noruega. É o Mephistopheles de Goethe floreteando a *rapière* flexivel como uma lingua d'aço.

Na sua bocca o sarcasmo tempera-se com a *verve* — uma *verve* inexgotavel, scintillante, elastica, agil, que volita sobre as cousas graves, picando-as cruelmente, erguendo depois o vôo, voltando de novo é carga, como uma vespa dourada perseguindo um animal pesado e tropego. A sua phrase é alada e caustica, brilhante e irrequieta. Tem caprichos, tem nervos, tem no seu pequeno organismo intangivel um sangue de lava fervente. Agitada, vibrante, febril, parece um gnomo diabolico e escarnicador. Fina ou vulgar, nobre ou plebeia, é sempre impetuosa no ataque, acida na mordedura. Imitando o estylo das suas *definições* precisas e incisivas, eu poderia retractar assim esse extraordinario poeta satyrico: — um Gavroche que assobia pelos labios de Juvenal.

O seu espirito transparece lhe na physionomia expressiva e cheia de caracter. Um notavel poeta hespanhol escrevia a um dos meus amigos que o feitio poetico de Junqueiro se explicava pela conformação especial da sua maxilla inferior. Larga, saliente e angulosa, como a queixada d'um satyro, ella dá-lhe ao rosto uma accentuação sarcastica, profundamente marcada. Junte-se depois um nariz adunco e um olhar de uma vivacidade estranha, a uma cabeça pequena, larga na fronte e curta na altura do rosto quasi triangular e terão — como já alguem observou com muita justeza — uma perfeita physionomia de ave ironica. Quando, porém, em vez da nota caustica da troça, lhe passam nos labios as largas estrophes dramaticas o seu aspecto muda de subito; o rosto torna-se-lhe severo e duro e o olhar brilha extranhamente, dominadoramente, como o olhar altivo d'uma aguia real.

Pouca gente tem como elle uma tão forte veia comica, uma malicia tão fina, um poder de expressão tão repentino e tão justo. Se fosse francez, o seu nome, além de figurar no Parnaso no primeiro degrau do throno de Victor Hugo, correria no jornalismo emparelhado com o de Rochefort, com o de Bergerat, com o de Millaud. Quando ha uns poucos d'annos viveu em Lisboa, as suas phrases e os seus ditos, os seus *portraits à la minute*, as suas caricaturas, os seus *triolets* deram ao Chiado, ao Gremio, ás secretarias e aos salões da capital, uma scintillação de *verve* caustica — como hoje o espirito de Eça de Queiroz lhes dá um verniz de *humour* discreto e aristocratico. A sua ironia chegou a pairar sobre a cidade de marmore e de granito como um terror, como o castigo dos deuses. Os homens graves, os figurões da politica, os janotas, todos a temiam. Quem tinha um ridiculo occultava-o com toda a discripção, como quem occulta com um *cache-nez* uma cicatriz de escrofulas. Algumas das suas definições dos homens e das cousas d'essa epocha são geniaes.

Se a sua physionomia revela o caracter do seu espirito, os seus gostos, sobretudo no *bric à-brac* que n'elle é uma paixão fervente — denunciam-nos o seu feitio artistico.

As suas tapeçarias preferidas, as suas porcelanas e faianças favoritas, os seus *bibelots* predilectos — são os orientaes. Essa arte phantastica, monstruosa, bizarra, extranha, com um desenho violento e atrevido, com um colorido barbaro, quasi sem tons, em que as cores se chocam em contrastes duros; essa arte onde a imaginação referve aquecida ao rubro creando phantasmagorias e aberrações, mas onde comtudo transparece sempre uma raiz de verdade real e uma subtil intuição de natureza — essa arte é aquella que mais quadra á sua phantasia arrojada e ardente, ao seu genio hyperbolico e antithetico, no fundo do qual ha tambem um forte sentimento naturalista e uma grande percepção da realidade.

As suas descripções e os seus quadros são sempre largos e crús. Atira os adjectivos sobre o papel como chapadas de tinta. São grandes manchas opulentas, expressivas, berrantes, que elle se não dá ao trabalho de esbater ou tonalisar. Contenta-se com a impressão que essa *bariolage* deixa no espirito do leitor, exigindo apenas que ella marque bem vivamente o modo como o seu espirito a apercebeu. O desenho é para elle secundario. Esboça vultos, não contorna formas. Cria imagens e phantasmas, não cinzela estatuas. Mesmo quando pinta a realidade, é hyperbolico e as suas côres tem uma intensidade que chega ao exagero. A sobriedade é para elle um synonimo de pobreza; e ri-se dos que a recommendam, pondo-lhes na bocca estes conselhos academicos:

> Procurae com todo o esmero
> A sobriedade, o aticismo:
> Um gigante é um exagero,
> E um vulcão é um gongorismo.
>
> O estylo rico e brilhante,
> Feito de alvoradas d'oiro,
> É como as mãos d'um marchante
> Tintas no sangue d'um toiro.

Se fosse um pintor seria um orientalista, mais apaixonado, mais vibrante, mais rico ainda do que Descamps e Benjamin Constant. Tem paginas que, ao lel-as, parece-nos que se desdobra deante da vista uma tapeçaria da Persia ou uma colgadura de Smyrna — tão caprichoso é o arabesco de sua phantasia, tão quente e tão viva é a côr das suas imagens!

*
* *

Vimos o caracter do poeta e o seu plano litterario. Digamos duas palavras sobre a sua ultima obra.

Uma das cousas que mais tem concorrido para a impaciencia com que o publico espera este livro é a fama de escandalo que em torno d'elle se tem feito. O espirito publico está como os grandes *blasés*. Só os manjares apimentados, só o refinamento do goso são capazes de lhe affectar os nervos exhaustos e indifferentes. Como nas grandes epochas de decadencia, apenas as fortes emoções nos accordam da atonia em que nos prostrou o abuso do prazer. Os romanos do baixo-imperio só se excitavam com a carnagem do circo, com a sensualidade requintada dos cultos orgiacos do Oriente. O nosso tempo incredulo e sceptico, torturado e nervoso, pede em altos brados o escandalo para lhe estimular o espirito, para lhe excitar a alegria, para lhe aguilhoar a vontade.

E assim como os possessos da Edade-Media evocavam o Diabo, tremendo de Deus — assim os nossos possessos do atheismo boçal, esperavam essa *Velhice do Padre Eterno*, como uma blasphemia sahida dos subterraneos infernaes, sentindo comtudo o espirito covardemente assustado pelos espantalhos e pelas sombras vãs do terror superstícioso.

Pois os nossos herejes, os nossos impios, os nossos pequenos satans ficaram decerto desapontados. Christo, se hoje vivesse, poria o seu nome n'essa obra, e com certeza encorporava Guerra Junqueiro entre os seus apostolos. É que o idealismo christão, concretisado n'uma instituição social e politica, transformou-se absolutamente. É que, nas suas evoluções fataes, os cultos acabam por se pôr em opposição plena com o pensamento philosophico que os creou. A serena e forte religião dos persas primitivos tranforma-se em Babylonia n'uma orgia. O são naturalismo greco-romano apodrece com o evolver do genio hellenico-latino e cae nos horrores da dissolução em que morreu. A doutrina de Jesus veiu a dar n'isto que os nossos olhos vêem com tristeza, n'isto que os nossos ouvidos escutam com dôr!...

Christo começou por ser um satan, um hereje. Por isso o mataram, como mais tarde a Egreja fez a João Huss e a Jeronymo de Praga. Assim os satans d'hoje serão os christos d'amanhã. Luthero foi o demonio para os catholicos: o protestantismo fez d'elle o seu Jesus.

Leiam a *Velhice do Padre Eterno*. Ha ahi algum verso que offenda a piedade? Não: ha versos que ferem apenas a superstição. O que é que se flagella? o Evangelho? Tambem não: castigam-se unicamente os desvarios da Egreja. *Superstitione tollenda, non tollitur religio*. O sentimento religioso fica alli de pé; o que se faz ruir, ao som magico da gargalhada, é só o fetichismo vulgar, despido de elevação, a idolatria selvagem e grosseira, que reduz o pensamento a uma escravidão abjecta.

> Cultos, religiões, biblias, dogmas, assombros,
> São como a cinza vã que sepultou Pompeia.
> Exhumemos a fé d'esse montão d'escombros,
> Desentulhemos Deus d'essa alluvião d'areia.

O *voltairianismo* achou a sua segunda encarnação em Guerra Junqueiro. Elle é o deus-filho

d'esse deus-padre do sarcasmo heretico —Voltaire. Entre os dois ha, comtudo, a distancia que vae de Jehovah a Christo. Um é secco, duro, cruel e frio: no peito do outro, porém, ao lado da indignação palpita o amor. O Pae é um tyranno: o Filho é um democrata. Entre o velho deus hebreu e o seu messias havia todas as miserias, todos os soffrimentos, todas as amarguras d'uma raça infeliz. Entre Voltaire e Junqueiro ha a tragedia do fim d'um mundo e do principio do outro: ha os crimes e os heroismos da Revolução, o desvairamento do Romantismo, as grandes aspirações da justiça, a effervescencia democratica, a agitação febril, nervosa, doentia, que tortura uma epocha de transição social. Por isso o poeta que escreve as satyras magistraes da *Semana Santa* e da *Vinha do Senhor*, que assobia essa *persiflage* gaiata da *Circular*, que nos traça na *Sesta do sr. Abbade* o quadro realista da bestialidade soez do nosso clero sertanejo — é o mesmo que nos versos *Aos Simples* eleva um hymno de piedade e amor, tão compungido e tão alto, o mesmo que com a *Valla Commum* grava sobre a cova dos miseraveis um epitaphio dantesco, um *aqui jaz* sinistro e vingador!

É certo, porém, que o voltairianismo é hoje um pensamento philosophico condemnado. Um seculo de estudo, de critica e de extraordinaria intensidade intellectual, deu-nos uma nova comprehensão da historia e um novo systema de philosophia social.

A sciencia das religiões, modernamente constituida, não pode acceitar a negação absoluta. As religiões são formas do pensamento humano, são as soluções successivas que o genio das differentes raças foi dando aos problemas transcendentes da natureza e da razão. Os symbolos, os cultos e os ritos já se não podem sensatamente imaginar creações voluntarias e artificios do charlatanismo sacerdotal. Conhecem-se as leis psychologicas e sociaes que presidem á sua genese, á sua evolução e ao seu desapparecimento. E o verdadeiro philosopho, perante os symbolos das crenças extinctas, deve parar respeitoso e cheio d'essa grande piedade humana, que nos toma o coração sempre que deparamos com um esqueleto frio e abandonado, quasi desfeito em pó... Em torno d'essas formulas, hoje aridas e nuas de significação, palpitou, viveu toda uma edade, toda uma raça animada pelo sangue ardente da fé.

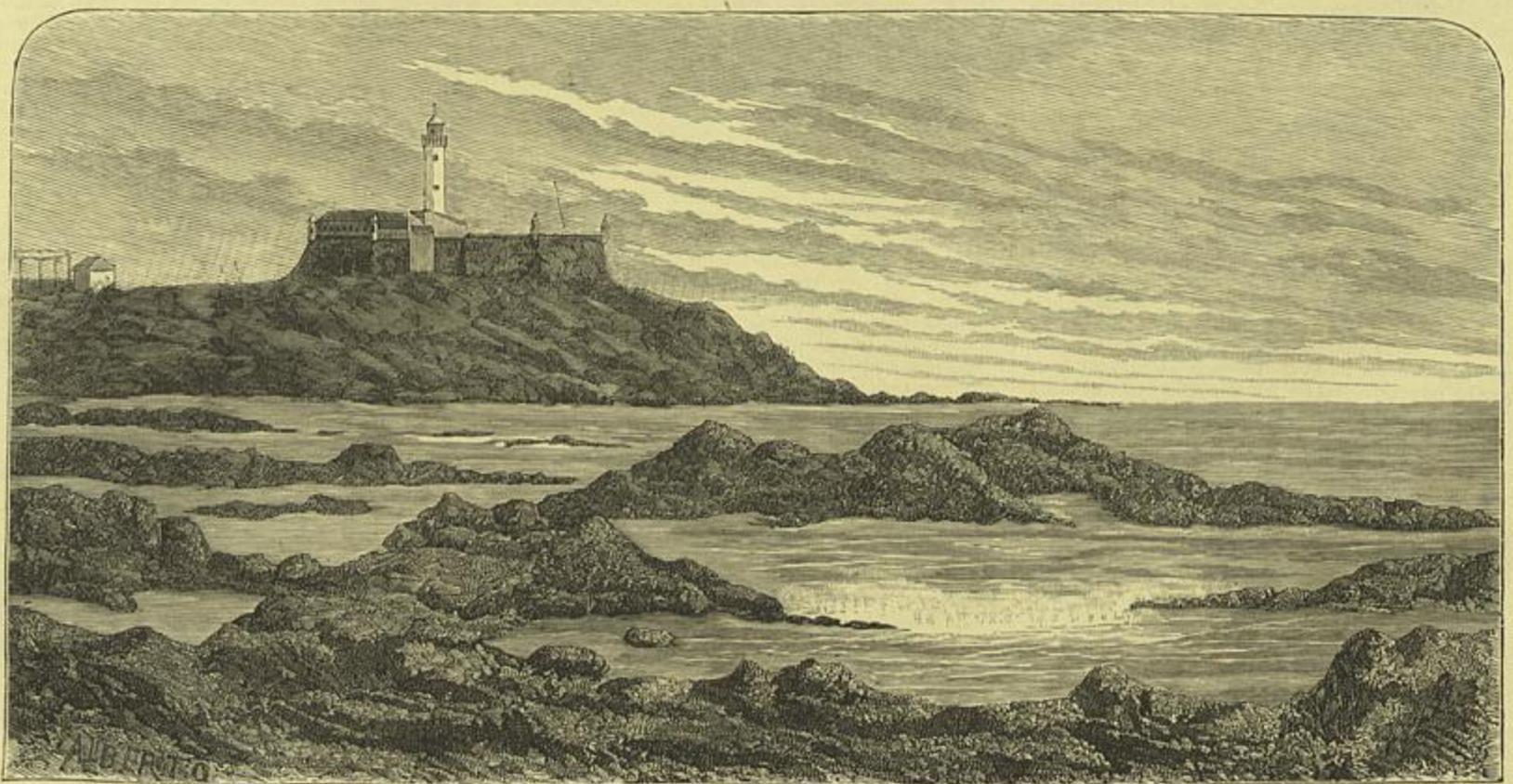
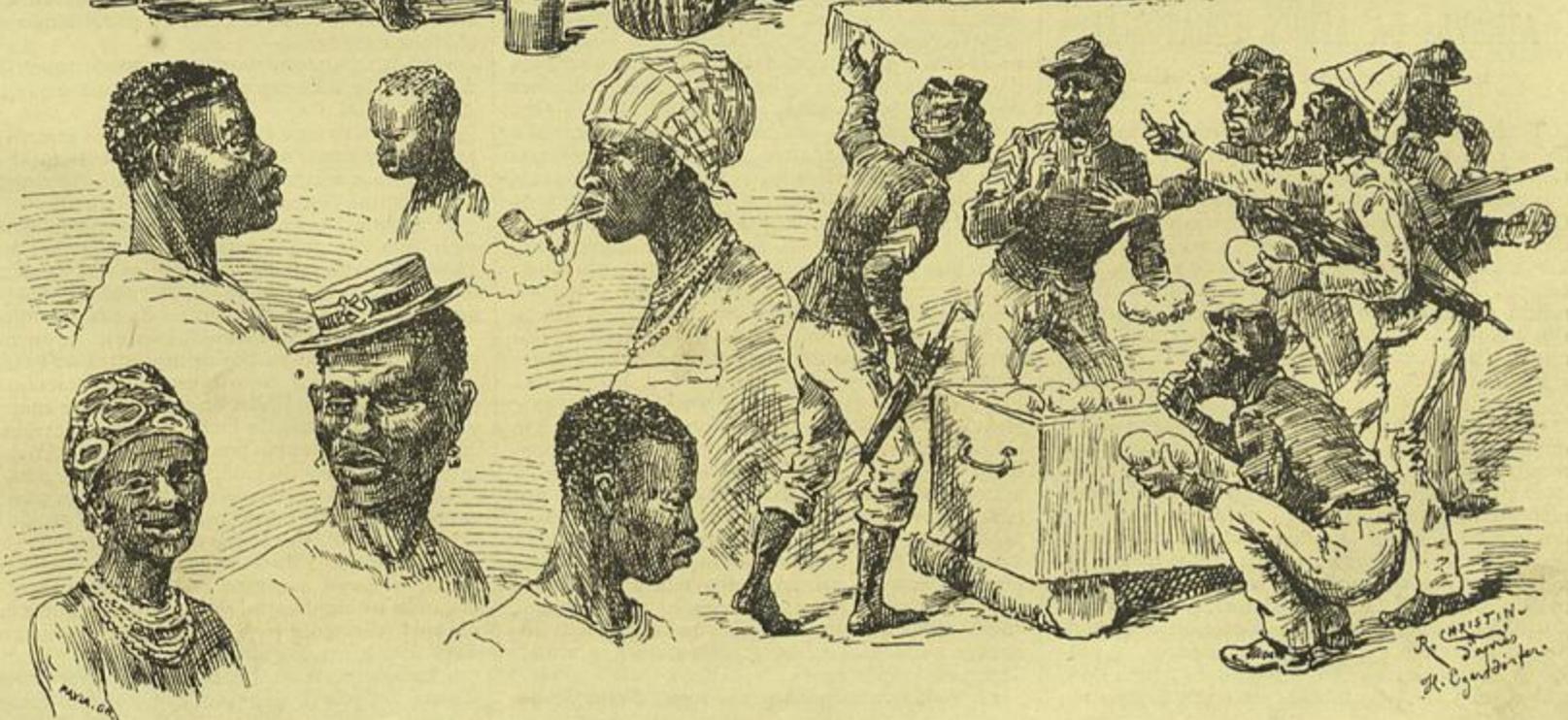
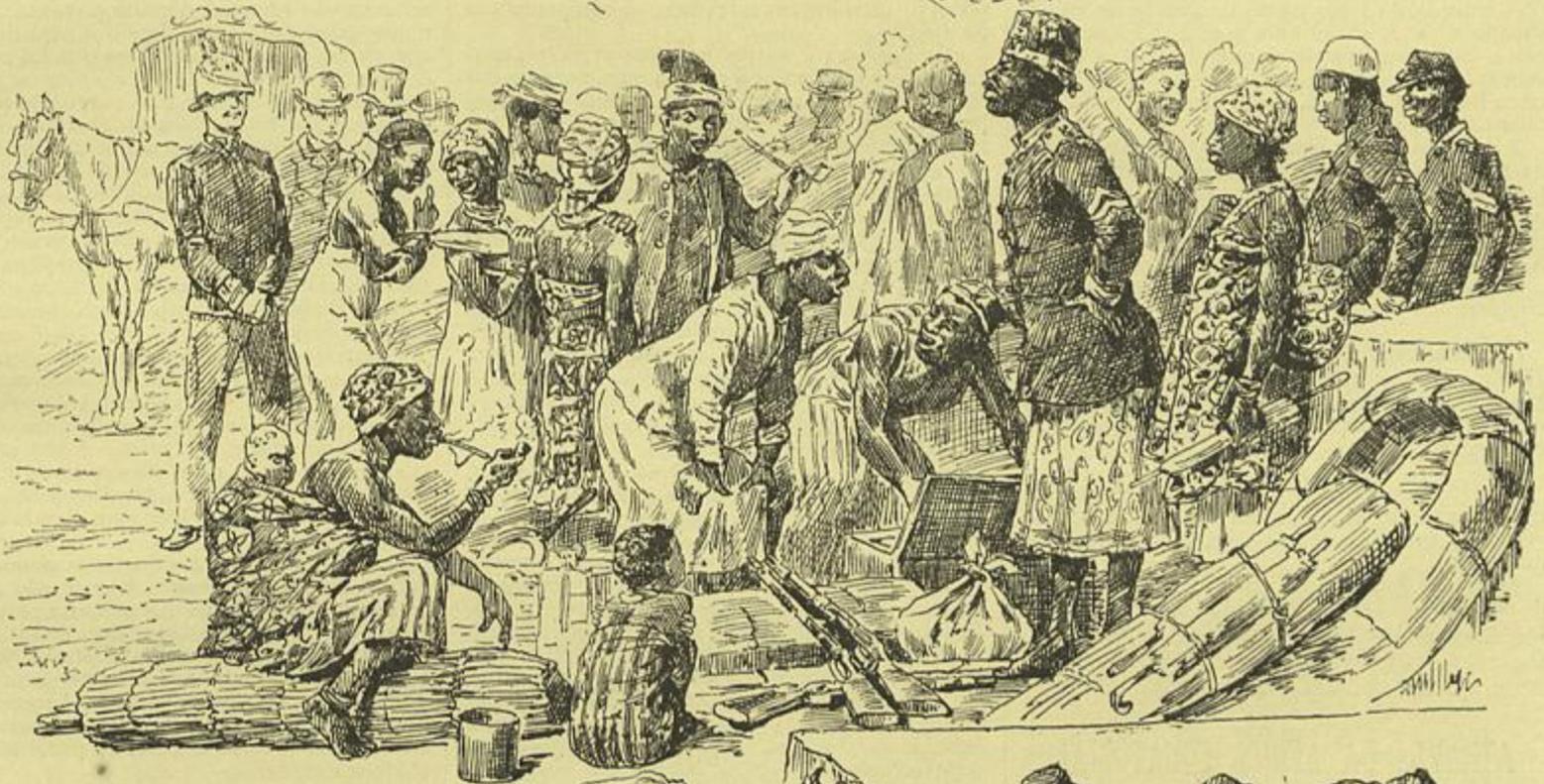
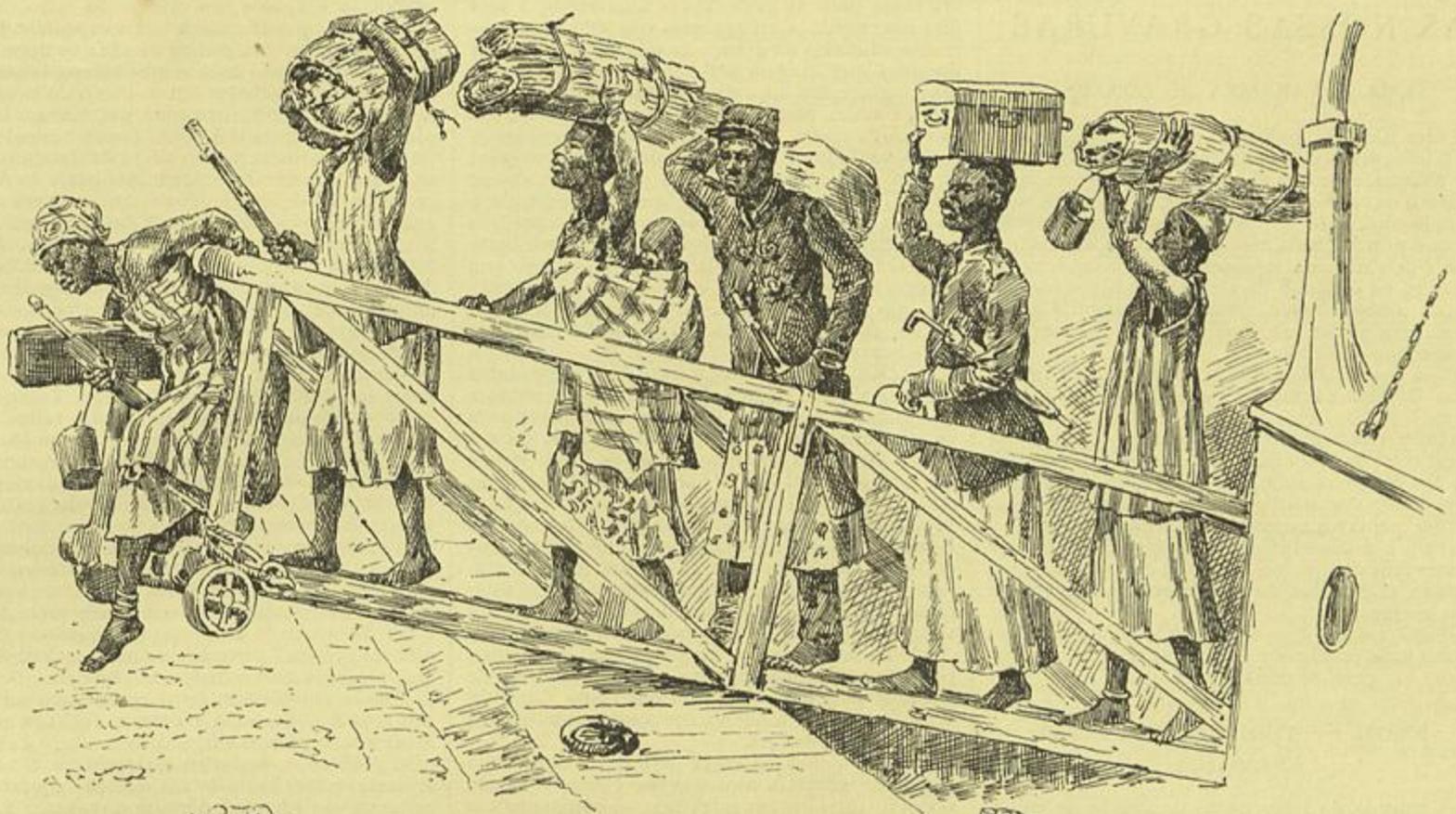
Mas a philosophia é um facho que na historia humana caminha sempre adeante dos acontecimentos e da realidade. No homem ha um desequilibrio caracteristico entre as suas faculdades ideaes e a sua faculdade pratica e activa. O corpo corre em vão atraz do espirito. Quando o julga alcançar, já elle avançou, distanciando-se. Assim, se philosophicamente a satyra voltairiana vibrada contra o catholicismo não tem razão de ser — socialmente, a sua actualidade é porém indiscutivel, porque a superstição assombra ainda as almas e porque, como em todas as epochas de decadencia, a perda da fé transformou com effeito a religião n'uma cousa temporal, n'uma instituição politica eivada de todas as corrupções e vicios humanos.

E além d'isto o voltairianismo é na obra de Junqueiro uma face apenas da sua satyra. A segunda parte da trilogia só estará completa quando se publicar o outro volume da *Velhice do Padre Eterno* e o poema final da *Morte do Padre Eterno.*

O presente livro não é mesmo um poema; é, no seu grande combate ao catholicismo decahido e corrupto, como uma avançada de francos-atiradores da ironia que vão destacadamente, independentemente, esclarecendo a tiros soltos de sarcasmo o campo onde em seguida o poema, como um forte exercito organisado, alinhado e tacticamente disposto, virá dar a sua batalha campal.

Porém, emquanto esperamos esse momento solemne da grande obra do poeta, admiremos estas primeiras escaramuças tão vivas, tão cheias de impeto e de arrojo. Admiremos os seus versos irrequietos, lestos, de uma agilidade felina, umas vezes avançando encobertos por um sentido occulto e descobrindo-se de repente para disparar o tiro certeiro, outras vezes correndo de cabeça baixa, n'um ataque furioso, com a aguda bayoneta da satyra scintilando ameaçadoramente. Admiremos essa plasticidade rara, essa desenvoltura no meio da correcção. Admiremos o flamulear deslumbrante das imagens, o brilho das ironias aceradas, a fanfarra das estrophes sonoras vibrando como clarins guerreiros.

Luiz de Magalhães.

AFRICA PORTUGUEZA — UMA LAVANDEIRA DE LOANDA
(Segundo uma photographia de Moraes)

BRAZIL — FORTALEZA DA BARRA, NA BAHIA (Segundo uma photographia de G. Gaensly, enviada pelo sr. J. A. da Silva)

Travessia da Africa Central pelos exploradores portuguezes Capello e Ivens — Chegada da expedição á cidade do Cabo da Boa Esperança
(Segundo um desenho publicado no *South African Illustrated*) **Vid. artigo "Atravez da Africa Equatorial"**

AS NOSSAS GRAVURAS

UMA LAVANDEIRA DE LOANDA

Entre uma copiosa collecção de photographias de Africa, feitas pelo bem conhecido photographo sr. Moraes, e de que já temos publicado um bom numero de copias no Occidente, encontra-se uma grande variedade de typos e costumes africanos, de que principiamos hoje a publicar gravuras.

A d'este numero, representa uma lavandeira de Loanda, na occasião de vir trazer a roupa lavada, cosida e engommada, levando vantagem á nossa lavandeira saloia, que nos traz a roupa simplesmente lavada e rota.

Este aperfeiçoamento da lavandeira africana é filho de uma necessidade que facilmente se explica.

Quem veste em Africa roupa engommada é em geral o europeu e esse tambem em geral não tem alli familia, precisando, portanto, simplificar o seu expediente domestico, e não consumir com elle o tempo que lhe é preciso para os seus afazeres.

D'ahi a necessidade de uma lavandeira que se encarregue do arranjo completo da roupa e n'esse sentido teem educado as pretas a prestarem-lhe esse serviço.

D'isto resulta que em Loanda ha lavandeiras muito mais perfeitas e completas no seu trabalho, como em geral as não ha em Lisboa.

BRAZIL — FORTALEZA DA BARRA NA BAHIA

Á entrada do bello porto da cidade da Bahia, situado a 12°,55'40'' latitude e 40°,50'23'' longitude oeste, está uma fortaleza, que defende a barra, mandada construir em 1536 pelo donatario Francisco Pereira Coutinho, sendo esta a primeira fortaleza que se fez.

Aconteceu, porém, que as obras se prolongaram de tal forma, chegando mesmo a estar interrompidas durante grande lapso de tempo, que só em o anno de 1772 se concluiu a fortaleza, governando a provincia D. José da Cunha Athayde e Mello, 4.° conde de Pavolide.

Sobre a porta da fortaleza lê-se a seguinte inscripção:

O Muito Alto e Poderoso Rei D. Pedro 2.° Houve por bem ordenar a D João de Lancastre, quando governou este Estado do Brazil, que mandasse edificar e accrescentar de novo esta fortaleza em 1696.

Em 1839 começou a funccionar um pharol erecto n'esta fortaleza. É de elypse e de luz branca e vermelha com um alcance de 27,8 kilometros de distancia.

Ao nosso dedicado assignante o ex.mo sr. J. A. da Silva devemos a amabilidade da remessa da photographia de que a nossa gravura é copia.

ATRAVEZ DA AFRICA EQUATORIAL

Do Oceano Atlantico ao Oceano Indico

Traduzimos do jornal *South African Illustrated News* de 18 de julho ultimo, que se publica em Cape Town, o seguinte artigo ácêrca da gloriosa travessia dos distinctos exploradores portuguezes Capello e Ivens, a quem agradecemos a remessa d'este jornal, dando-nos assim occasião para deixar archivada nas paginas do Occidente a descripção d'essa arriscada travessia, como as differentes gravuras que a ella se referem, e bem assim a carta da exploração da Africa central pelos nossos distinctos exploradores.

Eis o artigo:

«Cada dia o mundo parece tornar-se mais pequeno. O tempo e a distancia, que representam a mesma significação, são vencidos pela electricidade e pelo vapor. Os cabos que põem em communicação immediata as terras distantes; a rapidez dos navios a vapor que fazem viagens em tantos dias que d'antes levavam outros tantos mezes, familiarizam-nos com tudo o que se passa nos sitios mais afastados da terra, e ha bem poucas partes do globo por explorar que forneçam aos escriptores assumpto para os seus romances. É provavel que por esta razão a região da Africa Central se tem tornado ultimamente um campo tão attraente para as explorações scientificas, e seja dito com verdade, os espiritos tem sido vagarosamente educados na crença de que além das costas doentias que cingem a Africa Equatorial existia uma vasta região cujo clima é fertil e sadio. E comtudo, é assim. Mesmo agora é juntando prova sobre prova que a civilisação se vai convencendo d'esta verdade, e de que existe um futuro para aquillo a que Stanley tanto a proposito chamou — O Continente Negro. Ha mais um capitulo a juntar á moderna exploração da Africa, começada por Livingstone admiravelmente seguida por Stanley e Cameron, e por De Brazza pelo successo que coroou a expedição alli enviada o anno passado pelo governo portuguez, cujos membros sobreviventes chegaram á Cidade do Cabo ha menos de duas horas.

«O *Dunkeld* que trouxe o resto dos exploradores fez uma rapida viagem do Natal considerando a sua força e tonelagem. Faltavam 10 minutos para as 10 horas quando foi dado o signal de estar á vista a 10 milhas do ancoradouro de Table Bay, e um pouco depois das 11 horas amarrava na Doka Alfred. A manhã estava linda e á medida que o vapor avançava na bahia e entrava o canal da Doka, a multidão dos indigenas agrupados na prôa do navio com vestuarios de côres vriadas e uniformes de soldados, despertavam immenso interesse. Aquelles que estavam presentes que tinham visto Stanley com os seus homens de Zanzibar, e desde então tem visto tantos centos de zanzibarianos quando elles passam aqui em caminho de Zanzibar para o Congo e do Congo para Zanzibar, criticavam d'elles asperamente comparando-os com os seus compatriotas.

«Os habitantes da costa de oeste levam-lhes a palma no physico, sem duvida, comtudo nunca poderão exceder em fidelidade os companheiros de Stanley.

«Os cabindas e outros parecem-se muito, provavelmente pertencem á mesma raça, assim como os kroomen são magnificos maritimos dos quaes muitos estão ao serviço da rainha d'Inglaterra. Estavam todos elles satisfeitissimos n'este dia com os seus fatos de côres variadas e as suas negras caras risonhas mais luzidias do que usualmente. A boa alimentação que tinham tido desde a sua chegada a Tete tinha feito desapparecer nas suas physionomias todos os estragos da fome; aconteceu o mesmo com os carregadores de Stanley quando chegaram a Simon's Bay. Uma parte d'estes homens tinham uma apparencia militar com os uniformes dos soldados portuguezes, e o seu porte mostrava que tinham sido bem disciplinados. Um d'elles tinha arranjado o uniforme d'um soldado inglez, e muitos d'elles estavam completamente vestidos de branco com chapeus de palha.

«A maioria ostentava vistosos lenços de côr, postos de differentes modos. Finalmente era uma multidão vistosa e pittoresca tornada ainda mais interessante pelo feito que acabavam de realisar. Comtudo os homens que eu tinha mais empenho de ver, eram os distinctos gentlemen que commandavam a expedição, e que tão felizmente a conduziram atravez de tantos esforços, perigos e privações de viagem, n'um paiz desconhecido, e cujos habitantes são barbaros e selvagens. Foi-nos muito agradavel saber que o commandante Ivens fala fluentemente inglez, — ainda que com um accento estrangeiro, como se vê quando eu relato a descripção, publicada agora, ouvida dos seus proprios labios no decurso d'uma entrevista de menos d'uma hora. Ambos os exploradores são officiaes da armada portugueza, e foram escolhidos para esta expedição pelo governo portuguez. O capitão Capello que tem apenas 43 annos de edade parece á primeira visto ter soffrido mais durante a expedição do que o seu collega. Os seus hombros parecem vergar com o peso dos annos e tem a barba e o cabello quasi branco. O commandante Ivens que é um pouco mais alto, e em cuja figura graciosa assenta perfeitamente o seu uniforme, não mostra um vestigio de viagem atravez d'Africa. Os olhos pretos e brilhantes não tem nenhum circulo em roda que denote soffrimento, nem rugas profundas na testa como Stanley. A barba preta e lustrosa e os cabellos escuros não tem o menor signal de cabello branco, e comtudo elle diz que soffreu muito, e que se sente prematuramente acabado. Eu diria que elle está fortissimo. Tem 33 annos de edade. Fui cortezmente recebido por ambos os officiaes, e como lhes demonstrei que a proxima partida do R. M. S. *Athenian* não me deixava muito tempo á minha disposição, entrámos immediatamente no assumpto que me levava á sua presença. O mesmo aconteceu com Stanley, com a differença que aquelles que desejavam conhecer os factos realisados, foram-no muito mais depressa do que agora.

«A rapida descripção que se segue d'esta famosa expedição é apenas um esboço do facto memoravel que acaba de realisar-se. A expedição partiu de Mossamedes em março de 1884 compondo-se do capitão Capello e do commandante Ivens com 120 homens escolhidos em S. Paulo de Loanda e Mossamedes. A primeira coisa que fizeram foi explorar a provincia d'Angola. Tendo acabado este trabalho, partiram para o norte da Zambezia não só com o fim de explorarem esta parte da Africa, como tambem com a idéa de procurarem a nascente do Congo. Chegaram á Zambezia em outubro, e depois seguindo para o nordeste, descobriram em novembro a nascente do Lualaba, um dos mais importantes braços do Congo. Era sua intenção visitarem tambem uma grande estação commercial que descobriram e souberam que existia n'um sitio chamado Garanganja. N'este paiz ha famosas minas de cobre, que são exploradas pelos indigenas chamados Bi-Jongo. Estas minas pertencem a uma senhora, não muito velha, tendo talvez de 30 a 35 annos, que se chama Inafume. Esta senhora conduz os seus negocios pelo novo methodo de seguir os seus sonhos e explorar as suas minas d'accordo com as revelações que o somno lhe transmitte.

«O districto deve ser riquissimo em cobre, pois que as galerias d'onde é extraído contém ricos jazigos. No ultimo anno, comtudo, os seus sonhos muito a atribularam, pois que tendo sonhado que n'um determinado sitio uma galeria devia ser explorada, enviou para alli os seus trabalhadores, mas a galeria caiu e matou um homem.

«Desde então a sua gente recusa-se a acreditar nos seus sonhos, e a mina estava fechada quando a expedição passou alli. O grande chefe d'esta região é Muchiri, de quem esta senhora é vassala. A vasta extensão de terras que elle governa fica ao oeste do Luapula, é muito povoada e a gente muito guerreira. D'esta região a expedição tinha que passar o Lago Moero com o fim d'atravessar o Cazembe.

«Este esforço não foi bem succedido por causa da opposição de Muchiri. O itenerario foi então dirigido para o sul com o fim de explorarem o Luapula, a nascente do qual ainda não se descobriu. Este foi o passo mais difficil de toda a exploração. Era na estação invernosa; a marcha atravez d'uma floresta selvagem a qual tinha sido abandonada em result do da guerra levantada por Licuco, irmão de Muchiri, prototypo do ultimo Mirambo, cujas devastacões no norte foram tão bem descriptas por Stanley.

«Emquanto que Muchiri tem uma figura fina e é alto de estatura, Licuco é um homem pequeno e velho com formas disformes e um rosto feroz. Pensa continuamente em guerras para o que tem um geito especial.

«É um perfeito demonio em carne e osso, e a historia das suas barbaridades é medonha. Só n'um lugar o commandante Ivens viu centos de esqueletos empilhados.

«Ivens esteve nos seus dominios cinco dias e os dois trocaram duas visitas. Licuco não permittiu ao commandante Ivens que passasse para o norte por causa da estação belga de Karema nas margens do Tanganyka, com a qual elle temia que Ivens se ligasse com o fim de se apoderar dos seus dominios. As cidades indigenas são formadas com cabanas de forma conica, com muros de terra amassada com ervas e tectos de palha tendo a do chefe um *tembo*.

«Em janeiro continuaram a jornada tomando a direcção de sudoeste para o Luapula e sua nascente.

«Este rio tem de largo perto de 400 metros. Fizeram-se algumas sondagens reconhecendo-se que tinha 3 ou 4 metros de profundidade. As margens são cobertas de canaviaes.

«Uma grande quantidade de flores aquaticas adornam este rio, que é infelizmente inavegavel por causa das cataratas. Reconheceu-se que a nascente d'este rio não é na região de nordeste, como pensava Levingstone, porém ao sul do Lago Bangoelu.

«O principal fim da expedição estava portanto realisado. Provou-se que as nascentes do Lualaba eram no 11.° parallelo e estava completamente reconhecido o que elles desejavam saber com respeito aos affluentes do Lualaba pelo oriente, assim como aos do Luapula pelo occidente; assim como que as nascentes do Congo são n'esta região.

«A expedição estava por este tempo n'uma miseravel condição, tanto com relação ao estado dos homens como aos recursos da expedição.

«Tinham morrido 62 homens principalmente de fome; o unico alimento que se podia obter era caçando os elephantes, rinocerontes, e outra caça, em que felizmente para os viajantes, o paiz abundava. É a terra dos elephantes.

«Aquella parte da Africa é coberta por florestas densas difficeis de penetrar, como as que descreve

Stanley ao norte d'este paiz. Era a estação das chuvas, e a expedição tinha que luctar atravez dos pantanos e terrenos empoçados com chuvas tropicaes, e as chuvas o anno passado foram fortissimas o que não é vulgar. O effeito d'este tempo sobre os indigenas, junto á ausencia total do seu alimento usual, tornou-os exhaustos. Não podem viver sem comer farinhas. Comiam grandes quantidades de carne porém depois d'uma boa refeição em duas horas estavam exhaustos, gradualmente perdiam as forças e dentro em pouco morriam.

«Toda a distancia entre Luapula e a Zambezia é uma immensa floresta deshabitada, na qual a expedição muitas vezes se perdeu. Não ha estradas e guiavam-se pela bussola.

«No seu caminho para a Zambezia a expedição passou a dois dias de distancia do sitio aonde Levingstone morreu, e admiraram-se elles de que a localidade verdadeira não está exactamente lançada nos mappas, sendo pelo menos a 6 dias de distancia do Lago Bangoelu. Afinal no mez de maio de 1885 alcançaram Tete depois d'uma jornada de 4:200 milhas, das quaes 3:000 nunca tinham sido pisadas por pés europeus.

«Apenas a 8 dias de distancia de Tete a expedição encontrou um povo que cultiva o sorghum um pouco do qual se poude obter em troca de contas, visto que todos os outros artigos de troca estavam consumidos.

«Quando a expedição chegou a Tete estava n'um estado desgraçado; os exploradores apenas podiam caminhar; os indigenas não tinham o menor resto de fato pois que este tinha sido dado em troca de alimento, e usavam pelles em seu logar; os directores da expedição tinham apenas umas calças despedaçadas, botas rotas e casacos completamente usados. Miseraveis e cançados como todos elles vinham a vista de Tete reanimou-os, e formando uma procissão com a bandeira portugueza levantada na sua frente, marcharam para o elevado sitio aonde se acha a estação militar portugueza, aonde tiveram uma cordial recepção do governador Braga e de todos os habitantes. O governador Braga é membro da Sociedade de Geographia de Lisboa.

«Depois de perto de 8 dias de descanço em Tete fez-se um *reconhecimento* do Zambeze para Quelimane e d'alli a viagem continuou no *Dunkeld* e aquelle vapor chegou, como já dissemos, a Table Bay quarta-feira um pouco depois das 11 horas. Finalmente resumindo o summario dos trabalhos da expedição, merece mencionar-se que, emquanto os indigenas soffriam das febres e de todas as outras molestias que ha na Africa Central, nem o capitão Capello nem o commandante Ivens tiveram febres, ainda que o ultimo foi atacado de scorbuto por comer só carne sem vegetaes. O resultado da expedição é que, emquanto Stanley atravessou a Africa desde a costa oriental até ao occidente pelo Congo, e Cameron fazia uma arriscada travessia do norte até ao occidente vindo sair ao sul do Congo, os galantes exploradores que estão por poucos dias de visita em Cape Town, partiram do occidente para a região dos lagos no sul da Africa Central, fizeram o seu caminho para o norte, atravessaram a grande lagoa que alimenta os rios da Africa e seguiram para o Zambeze, assim como Stanley tinha seguido o Congo, para alcançar a costa oriental. A noticia da sua exploração foi enviada por via do cabo submarino, nos fins de junho ultimo, e elles tem a grande satisfação e gloria de possuir as congratulações recebidas tambem pelo cabo, de seu real amo o rei de Portugal. E, assim como aconteceu com Stanley, assim acontecerá com estes bravos gletlemen, as congratulações hão-de vir não só d'uma raça ou d'uma nação, mas de toda a parte do mundo.

«As scenas que se descreveram hão-de ser acompanhadas de photographias, e o seu auxilio servirá para que os criticos não alterem a historia da expedição com o seu eterno grito de — *são historias de viajantes.* — Stanley que deve lembrar-se amargamente do tratamento que em tempos recebeu deve gostar de saber isto.»

Meyrelles de Tavora.

JOSÉ FERREIRA PESTANA

(Continuado do n.º 238)

II

Em Loanda apenas permaneceu um anno, porque, de combinação com outros degredados politicos, conseguiu contractar por 3:000$000 de réis com o capitão da galera *Maria Izabel* a sua passagem e a de outros companheiros do degredo, para o Rio de Janeiro.

Isto foi tratado cautelosamente e ás occultas, e assim tambem embarcaram de noite estando o navio ao largo.

No dia 7 de janeiro de 1831 chegou ao Rio de Janeiro, onde teve que arranjar os 3:000$000 de réis que sob sua palavra se compromettera a dar ao capitão da *Maria Izabel.* Em poucos dias realisou essa quantia por meio de subscripção aberta entre os portuguezes que alli encontrou, e assim se desempenhou da sua palavra.

Tinha dado o primeiro passo para recuperar a liberdade, mas a completa falta de recursos pecuniarios, obrigou-o por algum tempo a recorrer á protecção de alguns seus amigos politicos que, como elle, estavam tambem emigrados, mas em melhores condições, até que encontrou um meio de subsistencia, abrindo um collegio de educação que em pouco tempo se tornou o mais importante d'aquella cidade, permittindo-lhe os meios necessarios de viver.

Assim viveu por espaço de tres annos, até que em 1834 tendo triumphado o partido liberal, Pestana voltou á patria, que lhe reclamava os seus valiosos serviços.

Entrava em Portugal, em 1834, já eleito deputado, commissão que desempenhou por muitos annos, em que foi reeleito, occupando por vezes a cadeira da presidencia.

N'esse mesmo anno foi nomeado, por decreto de 14 de julho, lente da faculdade de mathematica, na Universidade de Coimbra, desempenhando tambem o cargo de governador civil de Leiria, Villa Real e Coimbra, demittindo-se d'este ultimo em 1836 por occasião da revolução de Setembro.

Em 1841 tomou parte no ministerio presidido por Joaquim Antonio de Aguiar, na qualidade de ministro da marinha e Ultramar, pedindo a sua exoneração em 7 de fevereiro de 1842, por não concordar com o movimento revolucionario do Porto de 27 de janeiro d'esse anno.

A 20 de janeiro de 1844 foi José Ferreira Pestana nomeado, pela primeira vez, governador dos Estados da India portugueza, e d'esse logar tomou posse a 22 de maio do mesmo anno.

O seu governo foi dos mais proveitosos para aquelles Estados, pela magnifica administração que fez e pela sua nunca desmentida rectidão e justiça, uma das qualidades mais salientes do seu honrado caracter.

Governou a contento dos povos e do governo da metropole, sendo reconduzido no cargo que desempenhou até 1851.

Na organisação do conselho ultramarino, em 23 de setembro de 1851, entrou o conselheiro Pestana, primeiro como vogal e depois vice-presidente, ficando sempre pertencendo ao conselho, mesmo quando este se modificou em junta consultiva do Ultramar.

Por este mesmo tempo ao regressar da India, foi novamente chamado aos conselhos da corôa, e encarregado da pasta dos negocios do reino, no ministerio presidido pelo duque de Saldanha, em 22 de maio de 1851.

Por não concordar com as idéas conservadoras de parte do mesmo ministerio, exonerou-se da pasta em 7 de julho immediato, não tornando a acceitar propostas, que por mais de uma vez lhes fizeram, para formar parte de outros ministerios, incluindo o do Bispo de Vizeu, em 1871.

O caracter de José Ferreira Pestana, não se prestava facilmente ás conveniencias politicas, com que muitos transigem, e d'ahi resultou a sua curta permanencia nos ministerios de que fez parte, pondo sempre antes de tudo a sua dignidade e coherencia politica.

(Continúa) *C. A.*

CASTILHO

(Continuado do n.º 239)

IX

A sua estada no Brazil não foi improficua, nem áquelle paiz, nem a Portugal. Não só ahi pediu, impetrou, exorou para que desse larga distribuição á instrucção publica, muito atrazada ainda no imperio, mas tomou parte em todos os assumptos que com ella se prendiam.

Data d'essa época a famosa *Epistola á imperatriz*, magnifico trecho, onde a fórma faz realçar a profundidade da idéa.

Alli parece que seu irmão José o resolveu a deixar publicar a traducção ou paraphrase dos *Amores de Ovidio*, producção de annos mais tenros e menos trabalhados, e que jazia escondida á luz. Póde-se discutir a conveniencia ou não conveniencia de uma tal traducção; para nos fazer apreciar por um modo facil as principaes bellezas dos melhores engenhos da antiguidade é um grande serviço, nomeadamente em um periodo historico, e n'um paiz, onde, contra o systema estabelecido nos paizes mais adiantados, se proclama nos jornaes e no parlamento a inutilidade, ou pelo menos a insignificancia do estudo das linguas classicas!

Provaram ensaios perfeitamente dirigidos na Allemanha, que alumnos das escolas, onde se não ensinam aquellas linguas, apresentando ao principio um ficticio adiantamento e progresso, ao cabo de algum tempo eram completamente vencidos e ficavam a perder de vista, dos que tinham a sólida instrucção classica.

Desde tempos antigos Castilho começára algumas traducções, principalmente de Ovidio, a mais rica imaginação da antiguidade. Ou porque a isso o incitasse a maviosidade d'aquelle celebre poeta, ou porque porventura n'elle influisse o exemplo de Bocage, unico capaz de entendel-o e interpretal-o, como Castilho julgava, o que é facto, é que Ovidio lhe mereceu toda a sua dedicação.

Já desde 1841 elle nos tinha apresentado a sua magnifica traducção das *Metamorphoses*, livros I a V, na qual intercallou, como tributo de respeito, os trechos que Bocage havia traduzido, e que o poeta não quiz atrever-se a traduzir de novo, por julgar que não se podia traduzir melhor.

Agora entrado de novo n'esta via, o poeta enriquecerá a litteratura patria com outras formosas traducções, imitações ou paraphrases, que constituirão outros tantos modelos, que ficarão permanecendo no Parnaso portuguez, como joias de inestimavel valor.

X

Vamos muito de leve enumerar esses trabalhos litterarios com que o grande escriptor terminou a sua larga carreira litteraria.

Primeiro em data foram as *Metamorphoses*, seguiu-se em 1849 — o *Camões*, estudo historico, em um volume, refundido e publicado em segunda edição copiosamente accrescentada nas notas em 1861.

A *Arte de amar*, publicada pelos editores E. & H. Laemmert, do Rio de Janeiro, em tres volumes, comprehendendo o 1.º a traducção do visconde de Castilho, e os 2.º e 3.º a *Grinalda Ovidiana*, por seu irmão José.

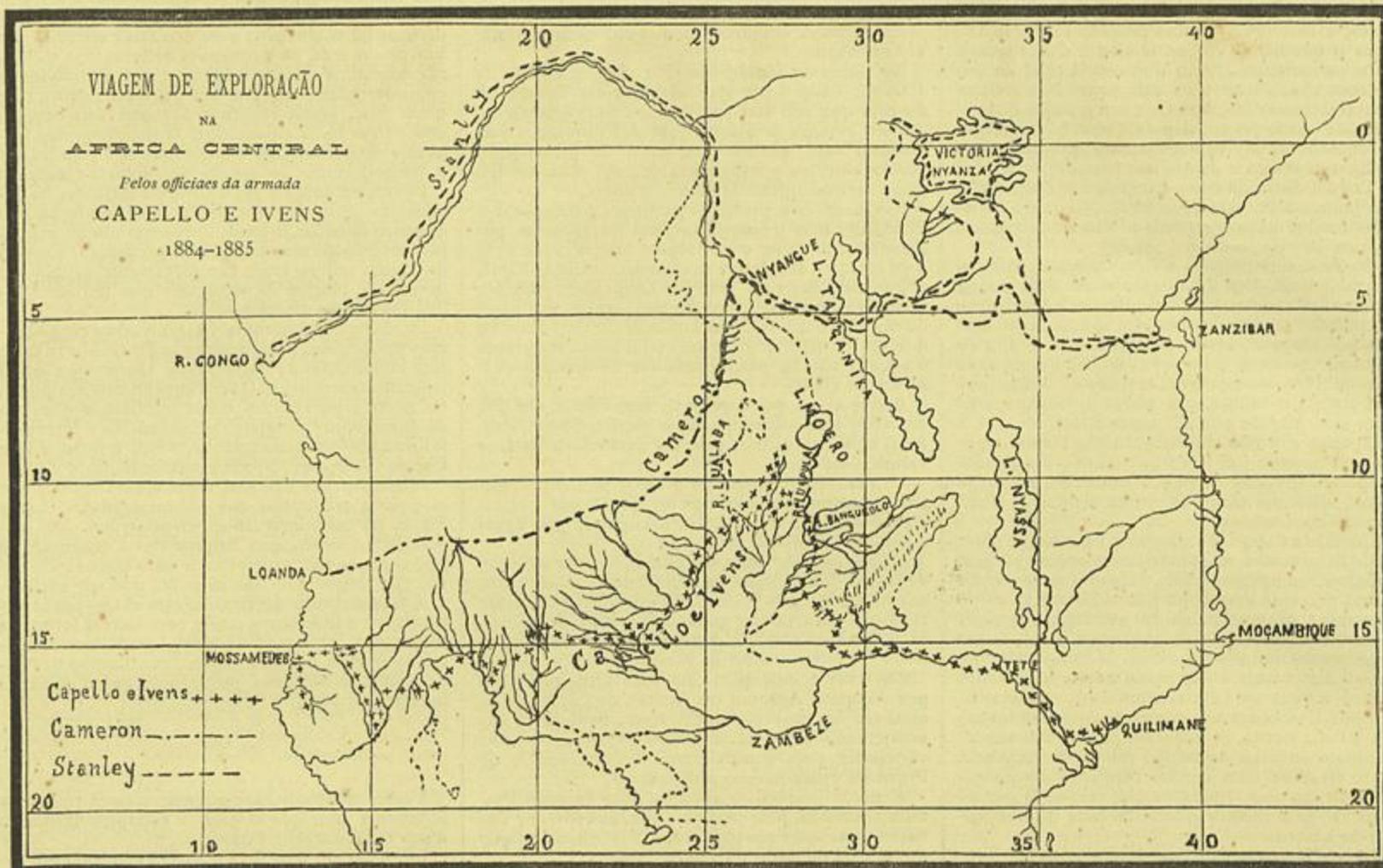
Seguiu-se logo a esta traducção a publicação feita pela Academia das Sciencias de Lisboa de *Os Fastos de P. Ovidio*, seguidos de copiosas notas, redigidas por grande numero de escriptores portuguezes. Este vasto trabalho, honra o poeta e os seus collaboradores, e constitue um dos mais importantes monumentos da litteratura portugueza no presente seculo.

Quatro annos depois o poeta emprehende uma viagem a Paris, para velar de perto a edição que alli mandou fazer da *Lyrica de Anacreonte*, e que foi impressa em 1866 em 9.º max. na typographia de Ad. Lainé et J. Havard. Nitida e perfeita pela parte typographica, não o é menos pela formosura dos versos, em perfeita harmonia com o gracioso original.

Um reparo temos porém a fazer a esta traducção. O poeta verteu algumas odes em versos grandes, o que é tirar uma das feições do original. Bem sabemos que o seguil-o, n'esta parte, tornaria a lyrica monotona, como succede aos *Rondós da Glaura* do Alvarenga, mas podendo variar a versão desde o metro de quatro até ao de oito ou ainda de nove syllabas, escusava muito bem de empregar n'este trabalho outros de medida superior.

Na mesma typographia e no anno seguinte foram publicadas — *As Georgicas de Virgilio.* Se nas outras traducções admiramos a fidelidade, perfeição, variedade e riqueza de linguagem, n'esta encontramos as mesmas qualidades e um ar perfumado de campo, que nos encanta.

Parece-nos que Virgilio nunca foi tão bem interpretado, e n'esta traducção além do mimo e graça que a revestem, entramos a admirar a maleabilidade do talento de Castilho, que como Proteo, sabe e pode revestir todas as formas, eclipsar-se para assim dizer, por detraz do seu modelo, identificar-se com elle, por maneira, que não podemos deixar de acreditar que se o auctor primitivo houvesse de escrever em portuguez não poderia escrever de outro modo.

(Continúa) *J. B.*

Mappa da travessia da Africa Central pelos exploradores portuguezes Capello e Ivens — **Vid. artigo "Atravez da Africa Equatorial"**

RESENHA NOTICIOSA

Obra de arte. Tem estado em exposição no estabelecimento dos srs. Margotteau & C.ª, ao Chiado, uma tela de vastas dimensões, representando uma familia brazileira retratada em grupo. Esta importante obra artistica, devida ao pincel de Felix da Costa, especialista de merecida reputação em pintura de retratos, tem logrado attrahir a attenção do publico e os encomios dos pintores. Ha n'este quadro, o maior sem duvida dos que, no mesmo genero, ha tempos se tem produzido em Portugal, uma qualidade notavel: — a harmonia do conjuncto, devida principalmente á escolha acertada e ao habil manejo do fundo sobre o qual se destacam as numerosas figuras. O exito conseguido n'esta producção distincta é tanto mais apreciavel, attentas as difficuldades com que o artista teve de luctar, visto que, ausentes alguns dos retratados, se viu obrigado a appellar para o auxilio da photographia. Felicitamos pois, o artista pelo honrosissimo resultado que obteve e vaticinamos ao quadro um brilhante exito no Imperio do Brazil, para onde vae ser transportado dentro em breve.

Erupção vulcanica. Houve uma no dia 23 de julho ultimo, que sepultou debaixo das lavas, parte da cidade de Chimbo, que fica proxima de Cotopaxi na *Republica do Equador*. Desappareceram cem casas. Ignora-se porém o numero dos mortos. Eis a triste noticia que o telegrapho nos annunciou no seu implacavel laconismo.

Direcção dos aerostatos. Não param as tentativas para se resolver este intrincado e difficil problema, que ha cem annos occupa muitos homens illustres, e que já tres quartos de seculo antes havia tido a sua primeira experiencia no invento do padre Bartholomeu Lourenço de Gusmão (Vidè o nosso VI vol. de pag. 107 em deante). Ainda o anno passado se preconizaram as experiencias dos officiaes francezes Renards e Krebs (pag. 222 do nosso VII vol.) e já a leveza dos francezes projectava a organisação de uma companhia transatmospherica, ao cabo de algum tempo para cahir tudo no olvido, e não mais se falar d'ellas; agora porém annunciam-nos alguns periodicos, que foram escolhidas as empinadas cuspides de Monserrat na Catalunha, para ensaios de um novo apparelho directivo dos aerostatos. Esta nova invenção é devida ao engenheiro francez Paulo Hyde Neuville, auxiliado pelo engenheiro belga Van-Brook, mas está dependente dos ensaios, que, segundo se affirma, já começaram com exito muito satisfatorio. Aguardaremos os resultados.

Exposição de Antuerpia. São muito lisongeiras as noticias que d'alli nos chegam. Não obstante a nossa exposição alli ser pequena e organisada tarde, e mais por impulso particular, que pelo do governo os resultados obtidos são animadores. Foram conferidas aos expositores portuguezes, não menos de 14 diplomas de honra, 40 medalhas de ouro, 55 de prata, e 141 medalhas de cobre e menções honrosas. Nós dizemos sempre como Camões:

Aos infieis... aos infieis!

a esses é que é apparecer, e a toda a hora e sempre e com todos os documentos dos nossos serviços, e da nossa civilisação, e repetimos constantemente *quem não apparece esquece.*

Fallecimento. Falleceu no dia 16 o general de divisão Fortunato José Barreiros, que ainda ha pouco era o decano dos generaes portuguezes em effectivo serviço. Nascera em Elvas a 31 de março de 1797, prestou muitos serviços ao paiz. Em tempo e logar competente falaremos d'este illustrado official.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Grande diccionario contemporaneo francez-portuguez e portuguez-francez, pelo professor Domingos d'Azevedo, publiccado com approvação de Victor Hugo, revisto pelo Ex.mo sr. Luiz Filippe Leite, vice-reitor do Lyceu Nacional de Lisboa, Antonio Maria Pereira, editor, Lisboa. Tem continuado com a maior regularidade a publicação d'este importante diccionario, o mais completo e o mais litterario que tem apparecido em Portugal. A continuação das folhas publicadas que já alcançam a pag. 304 e á palavra *Coller*, mais nos confirmam no juizo que fizemos d'esta obra, quando lêmos algumas das suas primeiras paginas, e não podemos deixar de o recommendar ao publico, como uma obra de primeira ordem, sendo aliás de facil acquisição.

Avè charitas. Com este titulo publicou-se em Loanda uma folha, numero unico, a favor do asylo de D. Pedro V. É uma publicação de todo o ponto interessante, tanto pelo fim a que é destinada, como pela escolha dos artigos que a compõem. Ha, porém, uma circumstancia que não deixaremos passar desapercebida, a qual é a sua execução typographica, feita em Loanda, na Typographia da Agencia Litteraria do sr. Julião Monteiro Torres. A *Avè charitas*, revela-nos que o progresso da typographia não fica atraz do progresso intellectual que se manifesta no centro da civilisação portugueza-africana, o que nos apraz registrar com orgulho, para desmentido dos que cavilosamente negam o desenvolvimento que a civilisação vae tomando rapidamente, na Africa portugueza.

Quadro das epocas legislativas. Mappa em uma grande folha de papel organisado pelo sr. Manuel Cypriano da Costa Freire, official da secretaria da Camara dos Pares do Reino. Este mappa é o complemento dos outros trabalhos, a que já nos referimos, e que nos mostram em um simples lance de olhos, a abertura e o encerramento de todas as sessões legislativas desde 1834 até 1884, isto é, durante 50 annos, com todas as suas peripecias de addiamentos, prorogações, dissoluções, convocações, etc., terminando por um pequeno quadro synoptico de *recapitulação*, da duração de cada exercicio, no qual se destaca a famosa sessão constituinte de 1837 a 1838, cuja duração foi de quatorze mezes e dezeseis dias. Escusamos de encarecer a perfeição e utilidade d'este trabalho.

Typ. Elzeviriana. — Praça dos Restauradores, 50 a 56 — Lisboa.